

A Representação e a resistência negra na Literatura Brasileira: uma análise de *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva

Thiago Henrique Fernandes de Oliveira¹,

Renata Pimentel Teixeira²

RESUMO:

A obra *Um Exu em Nova York* (2018), da escritora afro-brasileira Cidinha da Silva, é analisada como um marco na literatura negra contemporânea, por articular estética, política e ancestralidade. O livro, composto por dezenove contos e crônicas, utiliza a figura de Exu, Orixá das encruzilhadas e da comunicação, como símbolo de resistência, reeducação e descolonização cultural. Exu, aqui, deixa de ser visto como entidade demonizada pelo imaginário cristão-colonial e assume uma função narrativa, simbólica e pedagógica de ruptura com os paradigmas eurocêntricos. A análise aponta como a autora resgata saberes afro-diaspóricos e confronta o racismo estrutural, a intolerância religiosa e o epistemicídio, promovendo uma literatura engajada, decolonial e interseccional. Nesse sentido, Cidinha da Silva propõe uma escrita marcada pela oralidade, pelo humor crítico e pela afirmação das tradições afro-brasileiras em espaços urbanos, inclusive em uma cidade do "norte global", como Nova York, subvertendo as geografias simbólicas do poder. A partir de teorias como a escrevivência (Conceição Evaristo, 2016), Pedagogia das encruzilhadas (Luiz Rufino, 2019) e o pensamento de intelectuais como Sueli Carneiro (2011) e Djamila Ribeiro (2017), o trabalho destaca como a obra promove uma reeducação do olhar, centrada em outras cosmologias e formas de saber. Portanto, ao valorizar a presença negra na literatura e na cidade, *Um Exu em Nova York* torna-se um gesto de (re)existência, oferecendo novas narrativas sobre o ser negro no Brasil e no mundo.

PALAVRAS – CHAVE: Cidinha da Silva; *Um Exu em Nova York*; Literatura de autoria de mulheres; literatura Afro-brasileira; Educação.

RESUMEN:

La obra *Um Exu em Nova York* (2018), de la escritora afrobrasileña Cidinha da Silva, se analiza como un hito en la literatura negra contemporánea, por articular estética, política y ancestralidad. El libro, compuesto por diecinueve cuentos y crónicas, utiliza la figura de Exu, orixá de las encruzilhadas y de la comunicación, como símbolo de resistencia, reeducación y descolonización cultural. Exu, aquí, deja de ser visto como una entidad demonizada por el imaginario cristiano-colonial y asume una función narrativa, simbólica y pedagógica de ruptura con los paradigmas eurocéntricos. El análisis señala cómo la autora rescata saberes afro-diaspóricos y confronta el racismo estructural, la intolerancia religiosa y el epistemicidio, promoviendo una literatura comprometida, decolonial e interseccional. En este sentido, Cidinha da Silva propone una escritura marcada por la oralidad, el humor crítico y la afirmación de las tradiciones afrobrasileñas en espacios urbanos, incluso en una ciudad del "norte global", como Nueva York, subvirtiendo las geografías simbólicas del poder. A partir de teorías como la escrevivência (Conceição Evaristo, 2016), Pedagogía de las encruzilhadas (Luiz Rufino, 2019) y el pensamiento de intelectuales como Sueli Carneiro (2011) y Djamila Ribeiro (2017), el trabajo destaca cómo la obra promueve una reeducación de la mirada, centrada en otras cosmologías y formas de conocimiento. Por lo tanto, al valorar la presencia negra en la literatura y en la ciudad, *Um Exu em*

¹ Graduando em Licenciatura em Letras (Português e Espanhol) na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Email: thiaguito_9@hotmail.com

² Professora de Literaturas em Língua Portuguesa do curso de Licenciatura em Letras da UFRPE (sede) Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Email: renata.pimentelt@ufrpe.br

Nova York se convierte en un gesto de (re)existencia, ofreciendo nuevas narrativas sobre el ser negro en Brasil y en el mundo.

PALABRAS CLAVE: Cidinha da Silva; Um Exu em Nova York; Literatura escrita por mulheres.; Literatura Afrobrasileña; Educación

1. Introdução

A literatura negra brasileira tem se consolidado como um campo fundamental para o debate acerca da identidade, da memória e da resistência cultural, ampliando as possibilidades de representação da experiência negra nas artes e nas narrativas nacionais. Nesse contexto, a obra *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva, configura-se como exemplo expressivo de uma escrita literária que se constitui como instrumento político e simbólico de enfrentamento ao racismo estrutural e de valorização das culturas afrodiaspóricas

Nesse sentido, a autora Cidinha da Silva destaca-se como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea. Natural de Belo Horizonte, atua como escritora, cronista, dramaturga e editora, com uma produção que ultrapassa vinte títulos publicados, amplamente reconhecidos em contextos nacionais e internacionais. Sua obra é marcada pelo engajamento político e pela elaboração de narrativas que dão visibilidade às experiências negras, especialmente a partir de uma perspectiva interseccional que considera raça, gênero e classe. Entre suas produções mais notórias estão *Racismo no Brasil e afetos correlatos* (2016), *#Parem de nos matar!* (2017), *Sobre-viventes!* (2018) e *Os nove pentes d'África* (2015). Por fim, vale ressaltar que Cidinha também é editora da Kuanza Produções, coletivo editorial que fomenta a publicação de autores negros e o fortalecimento de uma literatura comprometida com os princípios da justiça social e do combate às opressões estruturais.

Um dos aspectos mais significativos da obra é a presença multifacetada de Exu, Orixá das encruzilhadas, da comunicação e do movimento, que opera simultaneamente como personagem, metáfora e estrutura narrativa. Longe de ser apenas um símbolo religioso, Exu é ressignificado por Cidinha da Silva como uma força de desestabilização das ordens coloniais, um mediador entre temporalidades, culturas e espaços, e um agente da descolonização tanto do imaginário urbano quanto da linguagem literária. Sua presença nas narrativas desdobra-se como uma estratégia de resistência simbólica, pedagógica e estética, ao promover a

reabilitação de uma figura tradicionalmente demonizada e deslocada de sua cosmologia original pelos discursos cristãos-coloniais.

Paralelo a isso, este estudo insere-se no campo da crítica literária com uma abordagem qualitativa e analítico-interpretativa, centrando-se na análise textual e temática da obra *Um Exu em Nova York*. Consequentemente, a metodologia adotada prioriza a leitura crítica do texto, buscando identificar estratégias narrativas que expressam resistência negra, ressignificação simbólica e crítica social. Nesse sentido, o procedimento inclui a leitura integral da obra, a compreensão das narrativas em eixos temáticos como ancestralidade, crítica ao racismo estrutural e ao assédio, intersecções sociais e linguagem decolonial, além da articulação desses elementos com conceitos de teorias críticas negras contemporâneas, como a “escrevivência” (Evaristo, 2016). Complementarmente, a obra é comparada a outras produções do pensamento sobre a literatura negra, com foco na brasileira, para mapear continuidades e rupturas temáticas. Nesse viés, a fundamentação teórica apoia-se em autoras e autores das epistemologias afro-diaspóricas, garantindo uma análise situada e comprometida com a justiça. Assim, essa abordagem hermenêutica visa compreender como a linguagem literária atua como prática de resistência simbólica e política, produzindo discursos contra hegemônicos que dialogam com os contextos sociopolíticos atuais.

Este artigo busca analisar as estratégias de representação e resistência negra na obra *Um Exu em Nova York*, considerando de que forma a autora constrói narrativas que ressignificam a figura de Exu como símbolo de luta política, mediação cultural e enfrentamento das violências históricas impostas à população negra. A análise contempla as escolhas formais e estilísticas presentes na obra, com ênfase na articulação entre elementos da tradição oral afro-brasileira e recursos da narrativa contemporânea, o que resulta em uma escrita de caráter decolonial. Ainda, examina-se a representação simbólica de Exu, compreendido como metáfora da diáspora africana e da resistência cultural em contextos urbanos. Além disso, o estudo estabelece diálogos com outras produções da literatura negra brasileira contemporânea, identificando continuidades e rupturas no tratamento de temas como ancestralidade, identidade e denúncia social. Por fim, cabe mencionar que a análise insere a obra no contexto mais amplo das lutas antirracistas e dos

movimentos de valorização das culturas afrodiaspóricas, refletindo sobre o papel da literatura como instrumento de transformação social e resgate cultural.

2. Temas e posicionamentos: um olhar sobre a fortuna crítica relacionada às vivências de Cidinha da Silva

A literatura negra brasileira emerge como um campo literário distinto, marcado por uma trajetória de resistência e afirmação da identidade negra. Suas especificidades estão intrinsecamente ligadas ao contexto histórico e social do Brasil, país que, apesar de ter a maior população negra fora do continente africano, sustentou durante décadas o mito da democracia racial. Esse mito, ao negar a existência do racismo estrutural, contribuiu para o silenciamento das vozes negras e a marginalização de suas produções culturais. Nesse cenário, a literatura negra se apresenta não apenas como denúncia das opressões históricas, mas como um instrumento de reconstrução de narrativas que valorizam a cultura afro-brasileira e a experiência da sujeita negra.

Um dos principais conceitos que permitem compreender a escrita de Cidinha da Silva é o de “escrevivência”, formulado por Conceição Evaristo. Segundo a autora, a escrevivência refere-se a uma escrita que nasce das experiências vividas, especialmente das marcas deixadas pelo racismo, pelo sexismo e pelas desigualdades sociais (EVARISTO, 2016). Em *Um Exu em Nova York*, essa noção se materializa tanto na escolha dos temas quanto na construção das personagens, que vivenciam situações de violência racial, intolerância religiosa, assédio e deslocamento urbano. A presença de Exu como figura simbólica e narrativa pode ser compreendida, assim, como uma escrevivência coletiva, que traduz a memória ancestral e a experiência diaspórica negra em forma literária.

Esse diálogo se aprofunda quando se articula a obra de Cidinha da Silva com a Pedagogia das Encruzilhadas, proposta por Luiz Rufino (2019). Para o autor, a encruzilhada não é apenas um espaço físico ou religioso, mas uma metáfora epistemológica que permite pensar o conhecimento a partir do cruzamento de saberes, tempos e experiências marginalizadas pelo pensamento colonial. Em *Um Exu em Nova York*, Exu não apenas aparece como personagem ou entidade religiosa, mas como princípio organizador da narrativa: os contos se estruturam em

deslocamentos, encontros inesperados e rupturas, reproduzindo literariamente a lógica da encruzilhada. Dessa forma, a obra realiza aquilo que Rufino propõe teoricamente: uma pedagogia que ensina por meio do trânsito, da ambiguidade e da multiplicidade.

Paralelo a isso, o pensamento de Djamila Ribeiro (2017) contribui para compreender a dimensão política da escrita de Cidinha da Silva, especialmente no que diz respeito ao lugar de fala. Ao escrever a partir de sua experiência como mulher negra, a autora não reivindica exclusividade discursiva, mas evidencia como determinados corpos e saberes foram historicamente silenciados. Em *Um Exu em Nova York*, essa perspectiva se manifesta na centralidade de personagens negros e na forma como suas vivências são narradas sem mediações eurocêntricas. A cidade de Nova York, símbolo da modernidade ocidental, é ressignificada a partir do olhar negro, revelando tensões raciais, desigualdades sociais e a presença ativa das cosmologias africanas em espaços globalizados.

Além disso, a literatura negra se distingue por sua abordagem interseccional, ao articular as categorias de raça, gênero e classe. Cidinha da Silva, como autora negra e mulher, explora em sua obra as múltiplas camadas de opressão que incidem sobre os corpos negros. Em seus contos, há uma crítica contundente à hipocrisia e o preconceito das elites, tudo isso sem abrir mão do humor ácido e da linguagem acessível. Nesse sentido, no conto “O mandachuva” destaca-se o seguinte trecho:

O hábil reprodutor teve vontade de enxertá-la, mas Felipa havia recomendado que na primeira noite não. Ele devia deixar a patroa com bastante vontade para que ela o chamasse outra vez. Concentrou-se então nas ordens da companheira de escravatura e domou a curiosidade de penetrar uma branca para saber se era diferente das pretas. (SILVA, 2018, p. 55).

Essa fala não apenas escancara o racismo internalizado e o sexismo, mas também denuncia a forma como o corpo negro é marginalizado (“... a curiosidade de penetrar uma branca para saber se era diferente das pretas”, ou quando descrito o homem negro como “O hábil reprodutor”, animalizado). Dessa forma, sua escrita conjuga denúncia e afirmação, crítica e afeto, reafirmando a potência transformadora da literatura negra.

Outro aspecto relevante na obra de Cidinha da Silva, e da literatura negra em geral, é a valorização das tradições africanas e afro-brasileiras, que aparecem não

como elementos exóticos, mas como fundamentos civilizatórios. Ao incorporar Exu e outras referências das religiões de matriz africana em seus contos, a autora cria uma ponte entre o passado ancestral e o presente urbano e globalizado. Como diz o prefácio da obra: “Caminhando com Exu por muitas terras e muitos tempos, de Minas Gerais a Nova York, de nosso presente aos tempos dolorosos da escravidão [...]” (SILVA, 2018, p.10). Essa travessia simbólica evidencia atransnacionalidade da experiência negra, mostrando que a literatura negra brasileira não se limita às fronteiras nacionais, mas integra um movimento diaspórico de afirmação e reexistência. Assim, as narrativas de Cidinha da Silva se inscrevem em um circuito literário e cultural que conecta África, Brasil e diáspora, sem apagar as especificidades históricas e culturais que constituem a negritude brasileira.

A crítica de KabengeleMunanga (2008) ao mito da democracia racial e ao discurso da mestiçagem também se articula diretamente à proposta da obra. Ao expor violências históricas, como o uso dos corpos negros durante a escravidão e a permanência do racismo estrutural, Cidinha da Silva desmonta a ideia de harmonia racial e revela as continuidades entre passado e presente.

Portanto, a obra *Um Exu em Nova York* se insere como um potente exemplo da literatura negra contemporânea, ao conjugar denúncia social, revalorização das ancestralidades africanas, crítica interseccional e invenção estética. Através de Exu, Cidinha da Silva reconta o mundo por outras lentes: lentes negras, insurgentes e plurais, abrindo caminhos para que outras vozes também possam atravessar as encruzilhadas da história e da literatura.

3. A Origem do culto a Exu

A figura de Exu surge no contexto das religiões tradicionais iorubás da África Ocidental, especialmente nas regiões onde hoje se localizam a Nigéria e o Benim. Dentro do panteão iorubá, Exu é uma das divindades mais complexas e fundamentais, conhecido como o Orixá da comunicação, das encruzilhadas, da transformação e da mediação entre os mundos. Sua origem está ligada à própria organização do cosmo segundo a cosmologia iorubá, em que cada Orixá desempenha funções específicas na manutenção da ordem universal e da natureza onde os humanos encarnados interagem.

Na tradição oral iorubá, Exu é descrito como o mensageiro dos deuses (òrìṣà) e o responsável por levar aos céus os pedidos e oferendas dos seres humanos. Por essa razão, ele é invocado no início de todos os rituais religiosos, pois, sem sua permissão, nenhuma comunicação com o mundo espiritual é possível (VERGER, 1997). Ele é também guardião das encruzilhadas e do movimento, e sua presença é ambígua: tanto pode gerar um enorme e intenso caos quanto restaurar a ordem. Com a diáspora africana causada pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, as religiões de matriz africana se deslocaram e se transformaram nos contextos das Américas. No Brasil, a figura de Exu foi mantida em diversas formas dentro do candomblé, da umbanda e de outras expressões religiosas afro-brasileiras. No entanto, sua imagem foi profundamente distorcida durante e após o processo de colonização cristã, sendo associada ao diabo pela moral judaico-cristã, que não compreendia sua função dentro da cosmovisão africana (MOURA, 1994).

Nos Estados Unidos, essa presença religiosa começou através do tráfico de escravos, assim como no Brasil, e se fortaleceu especialmente a partir dos anos 1960, com o movimento dos direitos civis, o Pan-Africanismo e o Black Power, que incentivaram a retomada das raízes africanas como forma de resistência cultural. Exu, nesse contexto, torna-se um símbolo diaspórico de agência, ruptura e reconstrução, ressignificado por comunidades negras nos EUA como arquétipo de comunicação, criatividade, liderança, personalidade, transformação e, também, dualidade.

Portanto, a figura de Exu não pode ser reduzida a interpretações simplistas ou pejorativas. Seu surgimento está diretamente relacionado a uma rica tradição religiosa, filosófica e cultural africana, que sobreviveu e se reinventou mesmo diante das graves, imperdoáveis e severas violências da escravidão e do racismo.

4. Resumos e análises do Prefácio e de alguns contos da obra

4.1 Por que os seguintes contos foram os escolhidos?

A escolha dos contos analisados neste capítulo não se dá de forma aleatória, mas responde a critérios teóricos e analíticos diretamente vinculados aos objetivos deste estudo. Embora *Um Exu em Nova York* seja composto por dezenove contos e

crônicas, optou-se por selecionar aqueles que evidenciam, de maneira mais explícita e simbólica, a atuação de Exu como princípio de movimento, mediação, proteção e ruptura, bem como aqueles que tensionam temas centrais da literatura negra contemporânea, tais como racismo estrutural, intolerância religiosa, violência de gênero, uso histórico dos corpos negros e resistência nos espaços urbanos.

Os contos escolhidos permitem observar diferentes dimensões da presença de Exu na obra: ora como entidade espiritual manifesta, ora como força simbólica que atravessa os acontecimentos cotidianos, reorganizando sentidos e deslocando hierarquias impostas pelo pensamento colonial. Textos como *“I Have Shoes for You”* e *“O homem da meia-noite”* foram selecionados por evidenciarem Exu como agente de proteção, comunicação e abertura de caminhos em contextos urbanos marcados pela hostilidade e pelo medo. Já contos como *“Kotinha”* e *“Válvulas”* foram incluídos por explicitarem a crítica à intolerância religiosa e à violência de gênero, articulando espiritualidade afro-brasileira e denúncia social.

Por sua vez, narrativas como *“Mameto”*, *“No balanço do teu mar”* e *“O Mandachuva”* possibilitam uma leitura mais ampla da obra, ao abordar afetividade, desejo, memória histórica e o uso dos corpos negros como instrumentos de dominação, evidenciando continuidades entre passado e presente. Esses contos foram escolhidos por demonstrarem como a ancestralidade, mediada por Exu e pelos Orixás, atua como força de reorganização subjetiva, ética e política.

Dessa forma, a seleção dos contos analisados visa contemplar a diversidade temática e simbólica da obra, sem perder de vista a coerência com o recorte proposto. O objetivo não é esgotar a leitura da coletânea, mas evidenciar, por meio de exemplos representativos, como *Um Exu em Nova York* constrói uma narrativa de resistência negra, decolonização do imaginário e afirmação das cosmologias afro-diaspóricas em contextos locais e globais.

4.2 A apresentação no Prefácio

O Prefácio da obra apresenta-a como um texto marcado por ambivalências estruturais e simbólicas que remetem diretamente à figura de Exu. Ele, conforme explica Prandi (2001), é o princípio dinâmico do movimento do universo iorubá, representando a constante negociação entre os deuses e os homens, a abertura de

caminhos e até mesmo a fecundidade. Ao adotar essa lógica como fundamento da narrativa, o prefácio indica que a obra se articula a partir de uma lógica plural.

A partir dessa perspectiva, a estrutura do texto remete à cosmopercepção africana, que rompe com a rigidez da racionalidade ocidental e valoriza a complexidade das experiências humanas em sua relação com o sagrado e com a ancestralidade. Assim, o prefácio sugere que a narrativa transita entre tempos, espaços e vozes, promovendo uma leitura que é, simultaneamente, histórica e mítica.

Dessa forma, o prefácio antecipa uma narrativa que, à semelhança de Exu, é contraditória e dialógica, ao mesmo tempo intensa e serena, silenciosa e provocadora, evidenciando uma estética da dualidade que recusa dicotomias rígidas.

4.3 A abertura de caminhos em “I Have Shoes For You”

No conto “I Have Shoes for You”, a protagonista percorre as ruas de Nova York quando se depara com uma figura enigmática: uma mulher com traços que remetem a uma situação de vulnerabilidade social, talvez uma moradora de rua, que lhe oferece de maneira suspeita, um comum, e até então desnecessário, par de sapatos.

A recusa inicial desse gesto aparentemente banal adquire novo sentido posteriormente, quando a protagonista reencontra a mesma mulher, desta vez, sem cumprimentar. Nesse sentido, essa leitura simbólica do episódio revela o caráter comunicador e enigmático de Exu, divindade iorubá conhecida por se manifestar por meio de sinais, metáforas e acontecimentos cotidianos. Conforme explica Verger (1997), Exu é o mensageiro entre os mundos, aquele que detém o poder da comunicação e do trânsito entre dimensões, sendo capaz de assumir formas inesperadas para provocar o indivíduo à escuta e à interpretação dos sentidos ocultos da realidade. Portanto, a recusa inicial da protagonista pode ser compreendida como uma resistência à escuta simbólica, que será posteriormente ressignificada.

Por fim, a mulher começa a ter lembranças dessa mesma mulher em várias ocasiões importantes que já experimentou em sua vida. Nesse instante, ela percebe que essa mulher era Exu querendo dar-lhe um recado através dos sapatos. Portanto, os sapatos não eram pra vaidade e nem pra proteção contra o frio, mas

sim, para dar os sinais sobre os novos e necessários caminhos de que a protagonista estava precisando.

4.4 O assédio e o socorro espiritual em “O homem da meia noite “

No conto “O homem da meia-noite”, a personagem principal se encontra em um ambiente noturno e demonstra evidente desconforto diante da situação. O cenário, marcado pela escuridão e pelo silêncio, contribui para intensificar a sensação de tensão e insegurança que a envolve. Desde o início, percebe-se o desconforto da protagonista, que parece estar em constante estado de alerta.

Em determinado momento, a narrativa revela que dois grupos distintos, um de neofascistas e outro de sertanejos universitários, se aproximam, juntamente com um homem que já estava ao seu lado, aumentando ainda mais o medo da personagem. Sentindo-se ameaçada, ela invoca o Exu “Boca do Mundo”, entidade que simboliza força e proteção. A presença espiritual lhe devolve a sensação de segurança e poder, rompendo, assim, com o sentimento de vulnerabilidade que a dominava.

Dessa forma, o conto expõe a intolerância e o perigo que a protagonista poderia enfrentar, caso não tivesse o amparo da entidade. Além disso, conforme observa Sodré (2017), Exu é o senhor das encruzilhadas e o símbolo da potência comunicativa que permite ao sujeito agir sobre o mundo e ressignificar o caos. Sob essa perspectiva, a experiência da protagonista não se limita ao campo do sobrenatural, mas se insere em uma cosmo percepção africana em que o sagrado se manifesta como poder de sobrevivência e justiça. O conto, portanto, reafirma o papel de Exu como protetor e guardião dos corpos negros, devolvendo à personagem a autonomia e a coragem negadas pelas violências do cotidiano.

4.5A intolerância religiosa em “Kotinha”

No conto “Kotinha”, são evidenciadas as tensões provocadas pela intolerância religiosa direcionada às tradições de matriz africana. A narrativa apresenta dois rapazes evangélicos que adentram um terreiro de fé iorubá não com abertura ao diálogo inter-religioso, mas como agentes de hostilidade e desrespeito, propagando discursos de ódio e expressando atitudes marcadamente violentas. Tal cena revela

o quanto a intolerância religiosa, particularmente contra religiões afro-brasileiras, se manifesta de maneira estruturada no cotidiano, reiterando processos históricos de racismo.

Segundo Silva (2022), a violência simbólica e física contra os terreiros é expressão de um projeto mais amplo de apagamento das epistemologias negras e de deslegitimação das espiritualidades que não se enquadram na lógica cristã hegemônica. Os personagens do conto, ao invadirem o espaço sagrado com desprezo e prepotência, representam a persistência dessas práticas coloniais de silenciamento.

Entretanto, é no momento de maior tensão que o sagrado se manifesta com força. Uma intensa chuva se inicia e, em meio ao ritual, uma das mulheres do terreiro entra em transe e incorpora Nzazi, uma divindade ligada às forças da tempestade e da justiça. Nesse contexto, a musicalidade, elemento fundamental das liturgias afro-brasileiras, ativa a presença de uma outra divindade da fé iorubá: Bamburucema.

A denúncia das violências sofridas pelo líder do terreiro coincide com a intensificação das manifestações naturais: raios, trovões e tempestade, elementos tradicionalmente associados a Orixás como Xangô e Nzazi, que reforçam o caráter de justiça imanente às religiões afro-brasileiras. A fuga dos rapazes, tomada por medo e vertigem, simboliza o desequilíbrio causado pela transgressão espiritual, revelando que o sagrado africano, muitas vezes deslegitimado pela sociedade dominante, possui mecanismos próprios de defesa, afirmação e de personalidade diante de seus algozes.

4.6O estupro e o socorro espiritual em “Válvulas”

No conto “Válvulas”, a personagem principal revela-se perdida, tentando lidar com as marcas de um passado doloroso. Um dos motivos que a levam a essa condição é o vício descontrolado em drogas, que a aprisiona em um ciclo de sofrimento e autodestruição. Desde o início, a narrativa evidencia a busca da protagonista por um caminho de redenção e equilíbrio espiritual, após sucessivas quedas e decepções.

Em meio a essa busca, a mulher procura um pastor evangélico, acreditando encontrar nele acolhimento e orientação espiritual. Contudo, em um ato de extrema

violência e hipocrisia, o homem a violenta sexualmente, traindo não apenas a confiança da protagonista, mas também o papel moral que deveria representar. Abalada e tomada pela dor, ela decide se vingar, utilizando seus conhecimentos sobre espiritualidade para confrontar o agressor.

Dessa forma, o conto denuncia a violência de gênero e a corrupção moral presentes em figuras de autoridade religiosa, além de ressaltar o poder da espiritualidade como instrumento de resistência e cura. A trajetória da protagonista demonstra que o reencontro com o sagrado é também um processo de autoconhecimento e reconstrução interior, uma vez que, conforme aponta Sodré (2017), o axé representa a potência transformadora, por um movimento de intensificação de seu fluxo. Assim, a personagem compreende que sua libertação ocorre não pela vingança, mas pela retomada dessa força ancestral que a reconecta à própria existência.

4.7O refúgio no sagrado em “No balanço do teu mar”

O conto apresenta a íntima reflexão de um personagem mergulhado na saudade de uma mulher amada, cuja presença já não faz mais parte de sua realidade. A ausência dela não é silenciosa: ecoa em cada gesto, em cada pensamento, em cada detalhe, em cada elemento do mundo e do plano espiritual que o cerca.

Ao longo da narrativa, o protagonista revela como, mesmo na vastidão da natureza, ele ainda busca vestígios dela. Nesse sentido, as lembranças se impõem como miragens: ele imagina como seriam os dias de hoje se ela ainda estivesse ao seu lado, como ela reagiria aos acontecimentos, o que diria, o que calaria.

Na tentativa de reencontrá-la, ele se volta aos sinais do sagrado. Procura-a nas manifestações dos Orixás, como se os deuses pudessem lhe devolver um fragmento de tudo aquilo que o protagonista, infelizmente, perdeu, ao que parece, para sempre. Conforme observa Sodré (2017), nas tradições afro-brasileiras, a fé e o axé não é uma atitude passiva, mas uma imprescindível força para a continuidade da existência física, ou seja, um gesto de confiança que reafirma a continuidade da vida mesmo diante da perda. Dessa forma, ao voltar-se às águas e aos Orixás, o protagonista encontra no sagrado o refúgio para a dor e a possibilidade de

transformar a ausência em presença espiritual. O mar, símbolo de profundidade e mistério, torna-se o espaço onde o amor e a fé se encontram, revelando que o sagrado é, também, o lugar do reencontro e da eternidade dos afetos.

4.8 Exu como o agente do movimento em “Mameto”

No conto “Mameto”, a narrativa apresenta uma mulher cujo apelido dá nome à história. Reservada e de poucas palavras, Mameto viveu, no passado, um relacionamento com uma companheira de quem pouco se fala, a ponto de nem mesmo os filhos saberem o nome dela. Após o divórcio, ela passa a revelar uma personalidade mais sensível e aberta às emoções, manifestando um profundo desejo de voltar a amar e de se entregar novamente à experiência afetiva. Por conta disso, pede sempre aos Orixás essa graça quando está na natureza.

Com o tempo, uma de suas filhas lhe apresenta a namorada, e Mameto, de forma inesperada, se vê tomada por um sentimento intenso e incontrolável. Apesar de resistir inicialmente, acaba cedendo à paixão e assume um relacionamento com a jovem, mesmo diante da rejeição e do julgamento da própria filha. O amor, nesse contexto, surge como força transgressora, rompendo barreiras sociais, morais e familiares, e expondo a complexidade dos desejos humanos.

Ao final do conto, é dito que todos os Orixás celebram uma grande festa, exceto Exu, que observa de longe, silencioso, atento, “com um trabalho apenas começando”. Essa passagem sugere que a filha, movida pela dor e pelo ressentimento, teria recorrido a Exu em busca de reconciliação ou intervenção, e que o desenrolar dos acontecimentos é consequência dessa força espiritual. Posto isso, segundo Sodré (2017), Exu é mediador e o agente do movimento entre o homem e os Orixás. Assim, a presença de Exu em “Mameto” simboliza tanto a liberdade quanto a responsabilidade do desejo humano, evidenciando que cada ação gera efeitos no plano espiritual e na vida das pessoas.

4.9 O uso dos corpos negros em “O Mandachuva”

O conto começa com a protagonista revelando que o seu bisavô era reprodutor de filhos de escravas. Quando nasciam, os donos da Fazenda os vendiam para um mercado de escravos para outros senhores. Nesse contexto, é

preciso reconhecer os fatos históricos em que, segundo a matéria publicada pelo "Brasil de Fato"³, chamada "mulheres eram forçadas a engravidar em fazendas de reprodução de escravizados", revela-se como o corpo da mulher negra era utilizado como instrumento de lucro e dominação, no período da escravidão ocorrida no Brasil, séculos passados.

Posteriormente, a protagonista, que era empregada daquela fazenda, revela que a dona da casa em que ela morava era uma viúva que gostava de fazer sexo com seus escravizados. Foi aí que a protagonista, que se chamava Felipa, falou a Nicássio, que se ele chegasse mais perto da dona da casa, ela faria sexo com ele. Porém, houve uma reviravolta e Nicássio fez sexo com a própria Felipa.

Após Felipa pedir perdão a sua patroa, Nicássio revela que ela queria sexo repetidamente com ele, ao mesmo tempo que ele continuasse como reprodutor de outras escravas. Aproveitando isso, Nicássio revela para Felipa que iria fazer a penetração sem preservativo para que uma futura gravidez da dona da casa fosse uma facilitação de uma futura fuga. Posteriormente, a fazendeira engravida e, devido a todo desejo que tinha por Nicássio, resolve criar o filho, ao mesmo tempo que ele, aparentemente, planejou sua fuga e, oportunamente, fugiu sem nem olhar para trás.

5.Descolonização através da presença de Exu nos espaços urbanos

A obra *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, propõe uma profunda reflexão sobre a reconfiguração simbólica dos espaços urbanos a partir da presença de Exu, Orixá da comunicação, da encruzilhada e do movimento, pertencente às religiões de matriz africana. Ao deslocar Exu para o contexto cosmopolita de Nova York, um dos maiores centros urbanos do mundo, a autora insere elementos da cultura afro-brasileira em territórios no chamado norte global, tensionando os códigos coloniais que regem as formas dominantes de ocupação e significação do espaço. Tais atitudes podem ser comprovadas através das seguintes palavras, no conto "Kotinha", nas quais ainda não é citada a figura de Exu, mas do mesmo panteão de

³AUDI, Amanda. Mulheres eram forçadas a engravidar em fazendas de reprodução de escravizados. **Brasil de Fato**, 27 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/27/mulheres-eram-forçadas-a-engravidar-em-fazendas-de-reproducao-de-escravizados>. Acesso em: 04 out. 2025.

Orixás, surge lansa: “Caiu água forte, chuva de raio e vento. Eparrei Oyá! Eparrei! Todo mundo saudou a senhora das tempestades pedindo proteção “. (SILVA, 2018, p. 21). Nesse sentido, a ilustre presença dos Orixás (a citada lansa, além do Exu do título) em territórios urbanos norte-americanos evidencia um processo de descolonização da cultura, na medida em que ocorre um reposicionamento nas epistemologias africanas como sendo as centrais, ao invés das periféricas.

A presença de Exu nas narrativas da coletânea se dá não como folclore, mas como elemento estruturante das relações entre os sujeitos e os espaços urbanos. Em contos como “I Have Shoes for You”, a ancestralidade se manifesta no cotidiano, em gestos mínimos, mas carregados de simbolismo. A protagonista relata nesse conto: “Ela surgiu de surpresa, como eles costumam vir ao meu mundo. [...] A mulher levantou a cabeça devagar. Cruzei com seus olhos em brasa. [...] Entreguei as moedas [...] — Eu tenho sapatos para você” (SILVA, 2018, p. 13,14). Esse pequeno diálogo entre desconhecidos na cidade estrangeira mobiliza memórias, afetos e ancestralidade, revelando como Exu atravessa a vida cotidiana, atua na encruzilhada entre o visível e o invisível, entre o urbano e o espiritual.

Ao ambientar parte da obra em Nova York, cidade que simboliza o ápice da modernidade capitalista, Cidinha realiza uma espécie de profanação do espaço urbano que está dominado pelo pensamento do grande capital. Esse pensamento pode ser comprovado a partir do seguinte trecho, onde a autora está refletindo sobre a desigualdade econômica e social que existe nos Estados Unidos, no conto “I Have Shoes for Your “ : “Mas frio é questão de estilo e ostentação para quem pode escolher o que vestir e calçar [...]” (SILVA, 2018, p. 15). Ao destacar a frieza não apenas como condição climática, mas também como metáfora da indiferença social e do abismo entre classes, Cidinha denuncia a superficialidade de uma sociedade regida pelo consumo e pela aparência.

Nesse contexto, a cidade deixa de ser um simples cenário e assume papel de personagem ativa, atravessada pela força do axé, princípio vital da tradição iorubá, que rompe com a rigidez do espaço urbano e reinscreve nele outras formas de existência, espiritualidade e convivência. Paralelo a isso, destaca Munanga (2008), a descolonização do espaço passa também pela valorização dos saberes africanos como formas legítimas de conhecimento e de organização da vida. Desse modo, a presença de Exu configura um gesto epistemológico: desestabiliza os paradigmas

ocidentais e reafirma a potência dos mitos, dos rituais e das estéticas afro-diaspóricas.

Além disso, por meio da oralidade, da linguagem simbólica e da narrativa fragmentada, Cidinha da Silva também promove uma descolonização da forma literária. Consequentemente, ao invés de seguir modelos lineares e eurocêntricos de construção narrativa, a autora estrutura os contos com base na circularidade, repetição e nos deslocamentos, que são marcas das cosmovisões africanas. Exu, nesse sentido, não é apenas personagem, mas estrutura narrativa, como sintetiza o poema que reflete as funções de Exu presente no prefácio: “ Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras” (SILVA, 2018, p. 9).

Desse modo, a citação evidencia que Exu é simultaneamente mensageiro e mediador. Consequentemente, ele movimenta a linguagem, conecta experiências e cria vínculos entre o passado e o presente. Ao “andar pelas palavras”, Exu atua como força subversiva que desafia a ordem estabelecida, rompendo o silêncio imposto pelo colonialismo e pelas estruturas de poder que buscaram silenciar vozes negras. Nesse sentido, ele não apenas nomeia o mundo, mas o reconfigura, abrindo possibilidades de expressão que afirmam a experiência negra e diaspórica, tornando a linguagem um espaço de resistência, invenção e transformação.

Nesse viés, *Um Exu em Nova York* se insere em um projeto literário e político mais amplo de afirmação da presença negra nos centros urbanos como um ato de resistência e de (re)existência. Nesse contexto, a obra rompe com os discursos de invisibilização e propõe um outro modo de ocupar a cidade: não mais como espaço de opressão, mas como território de ancestralidade, criação e liberdade.

6. A obra como meio de (re)educação

A literatura, em especial a que nasce das experiências de grupos historicamente marginalizados, constitui-se como um importante instrumento de (re)educação política, social e afetiva. No caso da obra *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, essa dimensão se revela de forma intensa, por meio de uma escrita que vai em caminho contrário da maioria, afirma identidades silenciadas e propõe novas formas de leitura do mundo.

Nesse processo, a linguagem torna-se ferramenta de reeducação crítica. Cidinha da Silva escreve a partir de um lugar de consciência racial e ancestral, oferecendo ao leitor não apenas uma narrativa estética, mas um convite à revisão de paradigmas. Sua escrita está alinhada ao que Paulo Freire (1970) chama de “educação libertadora”, aquela que rompe com a lógica do depósito de informações e convida à problematização da realidade. Assim como Freire propõe que a educação deve partir da realidade do oprimido e de sua leitura crítica do mundo, Cidinha estrutura sua literatura a partir de referências negras, culturais, e de matriz africana, instaurando um novo eixo de compreensão e aprendizagem.

Um dos exemplos dessa afirmação que liga esses três pilares é este trecho presente no conto “No balanço do teu mar”:

No tapete amarelo de Oxum, nossa mãe que me deu ao mundo para te amar e te dar apoio para que teu propósito maior não te roube de ti mesmo. Nas esquinas de nossa menina, exuzilhamento que nos atravessam e testam. No tapete branco de Oxalá de nosso menino, a paz que nos reserva o desfecho da história. No tapete branco e azul de Iemanjá, que te fez perder o voo da última vez que nos veríamos, lembra? No som metálico do padê do Gandhi, ainda na ladeira do pelourinho, antes da saída do tapete azul e branco, quando os agogôs anunciarão, enfim, nosso carnaval. (SILVA, 2018, p.35,36).

Nesse fragmento, Cidinha da Silva tece uma narrativa impregnada de simbologias afro-religiosas que evocam divindades como Oxum, Exu, Oxalá e Iemanjá, configurando uma poética de pertencimento e resistência. A autora transforma a palavra em território de saber, aproximando o leitor de uma epistemologia que valoriza a espiritualidade africana e a coletividade. Assim, sua escrita torna-se também um ato pedagógico, ao reinscrever no texto literário o direito de existir e de aprender a partir das próprias raízes.

Paralelo a isso, um outro exemplo que pode ser citado no que tange à cultura africana através da escrita de Cidinha da Silva é o seguinte trecho presente no conto “Mameto”: “O céu ruborizou um abóbora iansânico no entardecer dos dias frios. Oxum ria um riso de menina arteira. Os orixás, em festa, criaram um mundo novo [...]” (SILVA, 2018, p. 52). Desse modo, a autora não apenas cria uma cena de encantamento, mas também ensina o leitor a enxergar o mundo a partir de outras matrizes simbólicas. Esse gesto narrativo é, em si, uma forma de (re)educação. A mesma propõe uma alfabetização espiritual e cultural que rompe com o monopólio da racionalidade eurocêntrica e cristã, convidando o leitor a adentrar uma outra

epistemologia, fundada na oralidade, na circularidade e na comunhão com o sagrado.

Em “Mameto”, a celebração das divindades e da natureza não é mero ornamento estético, mas um modo de afirmar a centralidade das cosmologias africanas como sistemas complexos de pensamento, ética e sensibilidade. Assim, Cidinha da Silva transforma o texto literário em um espaço pedagógico de valorização das ancestralidades e de descolonização das percepções.

A escolha de Exu como figura central na obra é, nesse sentido, um gesto pedagógico. Exu, Orixá da comunicação, da ambiguidade e das encruzilhadas, é tradicionalmente associado ao mal no imaginário cristão-colonial, sendo constantemente demonizado. No entanto, dentro das cosmovisões africanas e afro-brasileiras, Exu é símbolo de abertura de caminhos, de transformação e de equilíbrio. Ao reinscrever Exu como protagonista em um espaço simbólico como Nova York, capital cultural do Ocidente e sede do imaginário branco e global, Cidinha da Silva efetua uma operação de reeducação do olhar. Como aponta Sueli Carneiro (2011), o racismo epistêmico é uma das formas mais sutis e perversas da dominação colonial, pois silencia e invalida os saberes não ocidentais. Desse modo, a reabilitação simbólica de Exu, nesse contexto, representa uma disputa por legitimidade cognitiva e por justiça epistemológica.

Portanto, *Um Exu em Nova York* exemplifica como a literatura pode atuar como meio de (re)educação ao pressionar estruturas opressivas, reivindicar novos modos de saber e ser, e propor um olhar crítico e plural sobre o mundo. Ao escrever a partir da encruzilhada, espaço simbólico de Exu, Cidinha da Silva ensina que toda literatura também é uma escolha ética, e que toda narrativa pode ser uma aula de mundo.

7. A Obra como um viés de resistência

A obra de Cidinha da Silva, especialmente em *Um Exu em Nova York*, representa um marco dentro da literatura negra brasileira contemporânea não apenas por sua qualidade estética, mas por sua potência política e ancestral. Dito isso, a autora escreve a partir de um lugar profundamente situado: uma mulher

negra, brasileira, consciente das heranças da diáspora africana e das desigualdades produzidas por um sistema patriarcal e desigual.

A centralidade da figura de Exu em sua obra é uma escolha profundamente significativa. Tradicionalmente marginalizado e alvo de incompreensões no imaginário cristão-colonial, Exu foi associado a forças negativas e à desordem, sendo deslocado de sua complexa cosmologia original. No entanto, dentro da cosmovisão iorubá e das religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda, Exu é uma figura vital de equilíbrio, abertura e transformação. Então, quando Cidinha da Silva resgata essa figura e a coloca como personagem simbólica em um cenário como Nova York, o centro do capitalismo global e da hegemonia branca, ela está promovendo uma operação de reconfiguração radical do espaço urbano e da narrativa literária.

É importante destacar que esse gesto literário de reabilitação de Exu também dialoga com a crítica ao racismo epistêmico no contexto brasileiro. Nesse sentido, a filósofa Sueli Carneiro (2011), em sua obra *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, denuncia a forma como o saber ocidental se constituiu pela exclusão sistemática dos conhecimentos produzidos por populações negras, indígenas e periféricas. Segundo ela, essa negação é parte fundamental da lógica de dominação colonial que ainda persiste nas estruturas educacionais e culturais de um país como o Brasil. Portanto, ao trazer Exu para o centro da narrativa, Cidinha da Silva está, de certa forma, desafiando esse colonialismo através das suas ousadas palavras. Paralelo a isso, a literatura negra não apenas denuncia o racismo estrutural e os efeitos do colonialismo, mas também propõe novas possibilidades de existência e de mundo. Como aponta Beatriz Nascimento (2021), a cultura negra é um espaço de reinvenção constante, um território simbólico que produz sentidos de liberdade mesmo sob intensa opressão. Portanto, ao dar voz a Exu, Cidinha da Silva está também dando voz às múltiplas formas de ser e estar no mundo negro brasileiro e estrangeiro.

Outro ponto importante é a religiosidade como resistência que se constrói por conta de ambientes preconceituosos. Nesse sentido, pode-se afirmar que a demonização das religiões de matriz africana, fortemente presente no discurso religioso hegemônico brasileiro, principalmente nas vertentes neopentecostais, é parte de um processo contínuo de apagamento e silenciamento.

Nesse viés, Cidinha da Silva expressou um pouco dessa demonização no seguinte trecho presente no conto “Kotinha”: “Quebra! Quebra! Quebra em nome de Jesus! E Jesus se encolhia no canto, assustado por usarem seu nome na contramão de princípios humanistas”. (SILVA, 2018, p.21). Esse trecho sintetiza a ironia crítica e o olhar agudo da autora diante da hipocrisia religiosa. Portanto, ao mesmo tempo em que os personagens afirmam agir “em nome de Jesus”, suas atitudes negam os valores éticos e humanistas associados à figura cristã. Assim, a presença afirmativa de Exu na obra não se limita a denunciar a intolerância religiosa; ela também atua como instrumento de subversão simbólica, desvelando a contradição entre o discurso de fé e as práticas de ódio. Nesse sentido, Cidinha da Silva provoca o leitor a refletir sobre como o racismo religioso se perpetua sob o disfarce da moral cristã e, simultaneamente, reafirma Exu como emblema de liberdade espiritual, pluralidade e justiça.

Outrossim, pode-se afirmar que há relações de resistência atreladas ao fato de ser mulher e negra. Posto isso, no conto “O homem da meia noite” há o seguinte trecho: “Passeio estreito, escondido por caminhonetes de sertanejos e neofacistas que passaram a se espreguiçar ao sol como lagartos inocentes. (SILVA, 2018, p. 17). Nessa passagem, a autora constrói uma imagem potente da ameaça constante que paira sobre os corpos dissidentes, especialmente os corpos negros e femininos, em espaços públicos marcados pela violência simbólica e material. A metáfora dos “lagartos inocentes” revela o caráter insidioso dessas presenças, que naturalizam o autoritarismo e o preconceito sob a aparência de normalidade. Essa representação denuncia não apenas a ascensão de discursos conservadores e racistas na sociedade brasileira contemporânea e no cenário do norte global, mas também evidencia como o olhar feminino negro ressignifica esses espaços de opressão em espaços de resistência. O ato de narrar, nesse contexto, torna-se uma forma de reexistir, isto é, de afirmar a vida e a subjetividade em meio às estruturas de exclusão. Assim, Cidinha da Silva inscreve suas personagens e suas vozes em um campo de disputa simbólica, onde ser mulher e negra implica não apenas sobreviver, mas criar novas possibilidades de existência.

Um outro exemplo que comprova a resistência apenas ao fato de ser mulher e negra é encontrado dentro de cultos onde os líderes religiosos se aproveitam da vulnerabilidade desse grupo social. Tal fato pode ser encontrado no conto “Válvulas”

através do seguinte trecho: “Ele tocou minhas tranças, apertou meus ombros e sussurrou que sabia do fogo que queimava nas entranhas das filhas de Cam”. (SILVA, 2018, p. 32). Nesse trecho, Cidinha da Silva expõe a vulnerabilidade a que são submetidas as mulheres negras, sobretudo em contextos religiosos onde a autoridade masculina se traveste de espiritualidade. A figura do líder religioso, que deveria representar acolhimento e fé, converte-se em símbolo de dominação e abuso, revelando como o racismo e o sexismo podem se imiscuir nas relações mais íntimas e nos espaços supostamente sagrados.

A autora, ao dar voz à personagem, desvela um duplo mecanismo de opressão: o controle sobre o corpo feminino e a desumanização do corpo negro. O toque invasivo e a menção às “filhas de Cam” carregam o peso histórico do mito bíblico da maldição de Cam, narrativa, que, ao longo dos séculos, foi usada para justificar a escravidão e a inferiorização da população negra. Ao retomar essa referência de modo crítico, Cidinha da Silva desconstrói o discurso religioso que associa o corpo negro à luxúria e ao pecado, transformando a dor em denúncia e resistência.

Por fim, *Um Exu em Nova York* demonstra como a literatura negra brasileira pode articular o local e o global, o ancestral e o contemporâneo, sem abrir mão de sua potência crítica e simbólica. Desse modo, a obra de Cidinha da Silva não apenas reinscreve Exu como figura central e digna, mas também desloca o eixo da produção literária ao afirmar saberes, corpos e cosmologias historicamente marginalizados. Ao cruzar caminhos entre África e Brasil, além da reflexão sobre o espaço imperialista no cenário novaiorquino em que ambienta os contos, sua escrita inaugura encruzilhadas de sentido que desafiam a ordem hegemônica e propõem novas formas de imaginar o mundo. Trata-se, portanto, de uma literatura que transforma, desloca e resiste.

8. Considerações finais

A análise da obra *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, evidencia o papel central da literatura negra como instrumento de resistência, (re)existência e reeducação no contexto das disputas simbólicas e epistemológicas do Brasil contemporâneo. Ao reposicionar Exu, divindade historicamente demonizada pela lógica colonial-cristã, como figura central e estruturante de suas narrativas, Cidinha

realiza uma profunda operação de descolonização simbólica, literária e política, afirmando uma estética afro-diaspórica que rompe com os paradigmas eurocêntricos de representação.

A escolha de ambientar parte das histórias em Nova York - como já enfatizado-, centro do capitalismo e da hegemonia branca global, não é meramente um recurso estético, mas uma ação crítica que reinsere a cultura afro-brasileira em territórios simbólicos de poder, invertendo os eixos de centralidade e colocando saberes africanos como fundamento civilizatório. Exu, enquanto metáfora da diáspora, da travessia e da pluralidade, funciona como fio condutor de uma literatura que propõe outras formas de ocupar a cidade, de narrar a história e de imaginar futuros possíveis.

Cidinha da Silva, com sua escrita marcada pela oralidade, pelo humor crítico e pelo compromisso ético com as experiências negras, contribui para o fortalecimento de uma literatura engajada que não apenas denuncia as estruturas opressoras, mas também propõe alternativas. Nesse contexto, a obra atua, portanto, como um espaço de (re)educação para leitores de todas as origens, ensinando outras formas de olhar, sentir e compreender o mundo.

Além disso, *Um Exu em Nova York* se insere em um projeto político-literário maior de contestação do racismo estrutural, da intolerância religiosa e do epistemicídio, ao mesmo tempo em que celebra a pluralidade das existências negras. Assim, a escrita de Cidinha da Silva exemplifica o que Conceição Evaristo define como escrevivência: uma literatura que nasce da dor, da luta e da memória, mas também do afeto, da criação e da esperança.

Portanto, a obra analisada revela-se como um marco na literatura afro-brasileira contemporânea, não apenas por sua qualidade estética, mas, sobretudo, por sua capacidade de provocar deslocamentos, de sentidos, de saberes e de imaginários. Ao atravessar encruzilhadas temporais, geográficas e espirituais, *Um Exu em Nova York* reafirma a literatura negra como ferramenta de transformação social, de justiça cognitiva e de (re)encantamento do mundo a partir das vozes e visões da diáspora africana.

9. Referências

AUDI, Amanda. Mulheres eram forçadas a engravidar em fazendas de reprodução de escravizados. **Brasil de Fato**, São Paulo, 27 de janeiro de 2025, Direitos humanos. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/27/mulheres-eram-forçadas-a-engravidar-em-fazendas-de-reproducao-de-escravizados>. Acesso em: 04 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Culto aos Orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. “**Por uma história do homem negro** “. In RATTIS,Alex (Org). Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. 2 ed. São Paulo: FEUSP, 2022.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1997.